



PASSADO: A COMPREENSÃO DESSE CONCEITO PELOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Izís Pollyanna Teixeira Dias de Freitas
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: sertaovalente@yahoo.com.br

Edinalva Padre Aguiar
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: edinalva.aguiar@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta a pesquisa intitulada *Educação Histórica: concepção de passado de alunos do Ensino Médio*, em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), em nível de mestrado acadêmico, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Insere-se no campo do ensino da História e seu objetivo principal é analisar as concepções de passado apresentadas por alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Luís Prisco Viana em Lagoa Real-Bahia. Tangenciando o tema principal, a pesquisa abordará também a aprendizagem histórica dos alunos, suas ideias históricas e, primordialmente, a relação que estabelecem com objetos e pessoas do passado e, em última instância, com a própria História.

O estudo do tema foi motivado pelo interesse em averiguar as contribuições do ensino e aprendizagem da História para o desenvolvimento do pensamento histórico dos alunos em contexto de escolarização. Para tanto, escolhemos o conceito de segunda ordem¹ *passado histórico*. A escolha de tal conceito ocorreu por considerarmos importante investigar como os alunos dialogam com o passado e, pensando historicamente, possibilitam em si a construção efetiva da aprendizagem histórica. Imaginamos como muito difícil realizar uma boa compreensão do presente, desconhecendo ou minimizando a relevância do passado na construção social, já que é possível afirmar que o passado está no presente.

¹ Ao discutir a ideia de conceitos substantivos e de segunda ordem, Peter Lee (2001, p. 15) explica: “existem conteúdos substantivos como agricultura, revolução, monarquia, que são muito importantes. Embora a compreensão dos conceitos substantivos seja muito importante, na Inglaterra começamos a ter em conta outros tipos de conceitos, também os conceitos de 'segunda ordem'. É este tipo de conceitos, como narrativa, relato, explicação, que dá consistência à disciplina. É importante investigar as ideias das crianças sobre estes conceitos, pois se tiverem ideias erradas acerca da natureza da História, elas manter-se-ão se nada se fizer para contrariá-las”.



METODOLOGIA

No que tange ao campo empírico, decidimos que os sujeitos e o lócus da pesquisa serão alunos e alunas das turmas do 2º e 3º Ano do Ensino Médio, matriculados no Colégio Estadual Luís Prisco Viana, no município de Lagoa Real-BA. A opção por esse colégio ocorreu em função de ser o único da cidade que tem o Ensino Médio, os sujeitos foram definidos porque, sendo estudantes das etapas finais da escolarização básica, certamente acumularam conhecimento histórico – tanto de conceitos substantivos quanto de segunda ordem – em seu percurso escolar, possibilitando compreender suas concepções de passado.

Nossa investigação definiu a *abordagem qualitativa* como matriz teórico-metodológica e, por entender que a *análise de conteúdo* (ver Laurence Bardin, 1977) se alinha bem com esse tipo de abordagem, esta foi a técnica escolhida para a sistematização e análise dos dados. Embora não tenha sido ainda elaborado, para a produção de dados utilizaremos um instrumento que represente desafios cognitivos para os sujeitos.

Um dos passos iniciais de qualquer pesquisa é o levantamento do referencial teórico, buscando identificar autores que estabeleçam relação coerente com seus propósitos. Nesse sentido, o aporte teórico foi cuidadosamente pensado, procedendo ao levantamento bibliográfico e seleção dos autores cujas ideias são relacionais com este trabalho e que subsidiarão as análises e alicerçarão teoricamente o campo empírico. Tais autores contribuirão com o diálogo desta investigação. Acreditamos que ao estabelecer o intercâmbio entre teoria e empiria, as ações da pesquisa se darão de maneira mais segura.

SOBRE O PENSAMENTO HISTÓRICO DOS ALUNOS E A COMPREENSÃO DE PASSADO

Peter Lee, analisa o pensamento histórico dos alunos por meio de dois conceitos: os denominados de “substantivos” – que se referem a noções ligadas aos conteúdos históricos –, e aqueles nomeados de “segunda ordem” – sendo estes considerados como inerentes à natureza da História, à sua epistemologia, também designados como estruturais ou meta-históricos (BARCA, 2001, p. 25).



O estudo dos conceitos de segunda ordem – dentre eles se insere “passado histórico” – se faz necessário por destacar aspectos relacionados a valores pessoais e motivações dos sujeitos quando associados aos conceitos substantivos da História (SANTOS, 2013), uma vez que as ideias de segunda ordem dizem respeito ao conhecimento que está por detrás da produção dos conteúdos da História e ao conhecimento construído na disciplina (LEE, 2006).

Imaginarmos ser muito difícil realizar uma boa compreensão do presente, desconhecendo ou minimizando a relevância do passado na construção social. Daí vem a necessidade de entender como o aluno faz a relação entre passado, presente e como perspectiva o futuro, como utiliza essa relação temporal na tomada de decisão e, principalmente, no tipo de consciência histórica que assumirá sob a influência de sua concepção de passado, ou seja, quais serão suas opiniões a respeito do passado no presente e como essas opiniões conduzirão suas ações frente às demandas da vida. Esta argumentação é corroborada pela reflexão de Rita de Cássia Gonçalves (2017, p. 40) ao afirmar que

[...] o passado está no presente e só a partir dele é que é cabível a aprendizagem histórica. Mas não podemos entender a aprendizagem da História somente como uma ida direcionada ao passado. O passado deve ser estudado a partir das evidências que apresenta no presente.

Para explicitar sobre qual concepção de passado estamos nos referindo, recorremos a Michael Oakeshott (2003), que o apresenta sob duas formas: *passado prático* e *passado histórico*. O *passado prático* pode ser manipulado pela ação humana com vistas à realização de objetivos vitais e se subdivide em: a) passado encapsulado, representado por memórias resgatadas de forma inconsciente, por exemplo, um perfume, um sabor, etc.; b) passado lembrado, considerado como memória involuntária; c) passado consultado, aquele que pode ser trazido à tona mediante um esforço deliberado, como na Psicanálise.

Por sua vez, o *passado histórico* está adstrito à ciência histórica, permitindo o surgimento do ofício do historiador e a autonomia e especificidade dessa ciência. Também compõe o passado histórico o passado registrado, mas este não é sinônimo imediato do primeiro, no entanto é quem propicia a investigação histórica.

Jörn Rüsen (2001) argumenta que o passado só ganha sentido se fizer relação



com o presente. A responsável por realizar essa relação temporal é a consciência histórica ao fornecer as orientações no tempo, com relação às mudanças no agir e no sofrer humano. Ainda acerca da discussão que envolve a concepção de passado, Peter Seixas (2012), alerta para a necessidade que o sujeito tem de construir quadros conceituais no sentido de discutir e quantificar o quanto o passado se torna significativamente presente.

Embora a discussão apresentada neste texto encontre-se ainda em fase inicial, com base nos autores referenciados, voltamos a argumentar a importância de se conhecer as concepções de passado e as formas pelas quais ele é acessado. Se o sentimos e o experimentamos, podemos então dizer que, de alguma forma, o passado está no presente, influencia e é influenciado pela forma como o olhamos hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Imaginamos como muito difícil realizar uma boa compreensão do presente, desconhecendo ou minimizando a relevância do passado. Assim, ressaltamos a relevância da presente investigação por entendermos que o ensino de História pode oportunizar aos alunos uma compreensão significativa da vida humana pelo desenvolvimento do pensamento histórico crítico, reflexivo e autônomo. Na intencionalidade de atribuir um sentido social ao conhecimento histórico, lembramos a importância que assume pesquisas dessa natureza no contexto que ora atravessamos. Justamente por isso, também é encarada como uma defesa em prol da educação como um todo – e da educação histórica em particular –, que se encontra inserida nesse “mar de dúvidas” acerca dos seus rumos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; Passado Histórico; Conceito de Segunda Ordem.

REFERÊNCIAS

BARDIN Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. In: **Revista da Faculdade de Letras História**. Porto, III Série, vol. 2, 2001, p. 013-021.

GONÇALVES, Rita de Cássia. O conceito epistemológico de passado para professores de história. In: GERMINARI, Geysa D. (Org.). **Ensino de história e debates**



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

contemporâneos. Guarapuava: Unicentro, 2017, p. 545-564.

LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, Isabel (Org.). **Perspectivas em Educação Histórica: Actas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica.** Braga: UMINHO, 2001, p. 13-27.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica: a escolha de recursos na aula de História. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 164, p. 131-150, 2006.

OAKESHOTT, Michael. **Sobre a história.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica** – Teoria da História: os fundamentos da ciência Histórica. Brasília: Editora da Unb, 2001.

SANTOS, Rita de Cássia G. Pacheco dos. **A significância do passado para professores de história.** 2013. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

Disponível em:

http://www.ppge.ufpr.br/teses/d2013_Rita%20de%20Cassia%20Gon%C3%A7alves%20Pacheco%20dos%20Santos.pdf. Acesso em: 07 jun.2018.

SEIXAS, Peter. Ação histórica como um problema para pesquisadores em educação histórica. **ANTÍTESES**, v. 5, n. 10, p. 537-553, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/issue/view/855>. Acesso em: 03 jul.2018.